



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

BEATRIZ FERREIRA LABOISSIÈRE

**OS DESAFIOS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

BELÉM/PARÁ

2025

BEATRIZ FERREIRA LABOISSIÈRE

**OS DESAFIOS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Pedagogia, da Universidade
Federal do Pará, como requisito para a obtenção
do título de licenciado pleno em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Maura Lúcia Martins
Cardoso

BELÉM/PARÁ

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de
Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

LABOISSIÈRE, BEATRIZ FERREIRA.
OS DESAFIOS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL / BEATRIZ FERREIRA
LABOISSIÈRE. — 2025.
28 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Maura LÚcia Martins Cardoso Trabalho de
Conclusão (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação,
Faculdade de Educação, Belém, 2025.

1. Estágio Supervisionado. 2. Ensino Fundamental.
3. Prática Pedagógica. I. Título.

CDD 370

BEATRIZ FERREIRA LABOISSIÈRE

**OS DESAFIOS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso de Pedagogia, da Universidade Federal do
Pará, como requisito para a obtenção do título de
licenciado pleno em Pedagogia.

RESULTADO: _____ CONCEITO:: _____

Belém, _____ de _____ de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a Maura Lúcia Martins Cardoso (orientadora)
UFPA

Prof. Dr. José Carlos Cardoso (membro)
UFPA

Prof. Dr^a. Adelice Sueli Braga Delgado (membro)
UFPA

Dedico este trabalho à minha avó, Ângela Maria (*in memoriam*), cuja força sempre me inspirou e iluminou meus caminhos. Sua lembrança me guiará em todas as conquistas da minha vida.

Educação não muda o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo (Freire, 2005, p. 51).

SUMÁRIO

RESUMO	8
1 INTRODUÇÃO	9
2 A VIVÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO ENSINO FUNDAMENTAL I	11
2.1. O espaço cedente do Estágio	
2.2. Os desafios da docência	16
3 OS DESAFIOS DOCENTE: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

OS DESAFIOS NO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os desafios na docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir das experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental I, que ocorreram em uma escola estadual de ensino fundamental, no município de Belém/Pará. As discussões aqui desenvolvidas fundamentam-se, principalmente, em trabalhos de teóricos como Pimenta (1995), Paulo Freire (1993; 1994; 1996) e Vygotsky (1991), mas também contaram com contribuições de outros autores que abordam as temáticas e foram consultados em periódicos acadêmicos. A partir das experiências em campo e após as reflexões realizadas e discutidas no presente trabalho, foi possível entender a importância da atuação do professor como agente de transformação social, principalmente em realidades marcadas por situações adversas que, porém, não anula o papel da família e do Estado, que também se constituem como pilares responsáveis pelo desenvolvimento integral da criança. Os resultados apontam que as discussões provocadas na experiência formativa do estágio reforçam o caráter essencial da articulação entre teoria e prática, a importância da construção da identidade docente e de uma prática pedagógica crítica e a função social da educação.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado. Ensino Fundamental. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This study aims to reflect on the challenges of teaching in the Early Years of Elementary School, based on experiences during the Supervised Practicum in Elementary School I. This practicum took place in a state elementary school in the municipality of Belém, Pará. The discussions developed here are based mainly on the work of theorists such as Pimenta (1995), Paulo Freire (1993; 1994; 1996), and Vygotsky (1991), but also benefited from contributions from other authors on the subject consulted in academic journals. Based on the field experiences and the reflections discussed in this study, it was possible to understand the importance of the teacher's role as an agent of social transformation, especially in realities marked by adverse situations. However, this does not negate the role of the family and the state, which are also pillars responsible for the child's holistic development. The results indicate that the discussions prompted by this formative practicum experience reinforce the essential nature of the link between theory and practice, the importance of building a teaching identity and a critical pedagogical practice, and the social function of education.

Keywords: Supervised Practicum. Elementary School. Pedagogical Practice.

INTRODUÇÃO

O estágio obrigatório supervisionado constitui-se como momento essencial para a formação docente, pois possibilita vivenciar a realidade escolar, enquanto reflete-se sobre o processo de ensino e aprendizagem e constrói-se a própria prática pedagógica e identidade docente, sempre em articulação com os conhecimentos teóricos aprendidos durante o curso.

O presente trabalho tem por objetivo geral refletir sobre os desafios da docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir das experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental I, que ocorreu em uma escola estadual na cidade de Belém, no estado do Pará e tem como objetivos específicos identificar os desafios que permeiam o exercício da docência e refletir sobre as vivências no estágio supervisionado, cuja premissa fundamenta-se em colaborar para a construção de uma prática pedagógica crítica durante a formação do educador.

A escolha por realizar este Trabalho de Conclusão de Curso sobre as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental justifica-se pela importância de aprofundar as reflexões sobre o processo de formação docente. A prática de estágio, como momento crucial de articulação entre teoria e prática, revelou-se um campo fértil para a investigação dos desafios que permeiam o exercício da docência.

Durante a imersão na escola estadual em Belém, no Pará, foi possível observar de perto as complexidades e as singularidades da sala de aula e a convivência com o cotidiano escolar permitiu identificar não apenas as dificuldades pedagógicas, mas também as questões sociais e institucionais que influenciam diretamente a atuação do professor. Neste contexto, a análise das vivências em campo torna-se fundamental para compreender a construção da identidade docente e a necessidade de uma prática pedagógica crítica e reflexiva, capaz de responder aos desafios encontrados.

A partir desta perspectiva, este trabalho busca contribuir para a discussão sobre a formação inicial de professores da Educação Básica na Universidade Federal do Pará (UFPA), oferecendo uma reflexão sobre as experiências de estágio como

ferramenta para o desenvolvimento profissional. A reflexão proposta visa colaborar para que futuros pedagogos compreendam a relevância de uma prática consciente e engajada, que reconheça a função social da educação e promova a transformação da realidade escolar.

Para fundamentar teoricamente os relatos/reflexões que aqui serão desenvolvidas, utilizou-se as contribuições de autores que abordam de forma significativa o processo educativo, entre eles, principalmente, Pimenta (1995), Freire (1993; 1994; 1996) e Vygotsky (1991), como também autores diversos que abordam os temas aqui tratados e foram consultados em periódicos acadêmicos.

A utilização de diferentes referenciais é essencial para o aprofundamento da compreensão acerca das situações observadas e o reconhecimento de suas complexidades, pois oferecem bases sólidas para reflexão sobre os desafios presentes no cotidiano da sala de aula, o papel do professor, a função social da escola e o desenvolvimento infantil.

A metodologia deste trabalho se baseia em uma abordagem qualitativa (Minayo, 2010) e a escolha dessa abordagem legitima-se por sua capacidade de aprofundar a compreensão dos fenômenos sociais, priorizando a análise e a interpretação das experiências e percepções subjetivas. Diferente da abordagem quantitativa, que busca a generalização de dados estatísticos, a pesquisa qualitativa se dedica a entender o "porquê" e o "como" das vivências, permitindo uma reflexão mais rica e contextualizada sobre a prática docente.

Este estudo se configura como um relato de experiência, um gênero textual acadêmico que descreve, analisa e reflete sobre vivências profissionais ou pessoais relevantes para a área de conhecimento. Neste caso, o relato foca na minha própria experiência como estudante de Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA) durante o Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental I. O período de imersão ocorreu em uma escola estadual de ensino fundamental, localizada no município de Belém/Pará.

O processo de coleta de dados e reflexão foi estruturado em três etapas principais. A primeira etapa foi a *Observação e Participação*, onde durante o período de estágio, foram realizadas observações sistemáticas e anotações em um diário de

campo. Esse instrumento se mostrou essencial para registrar as dinâmicas da sala de aula, as interações entre alunos e professor, e os desafios pedagógicos e sociais encontrados no cotidiano escolar. A participação ativa nas atividades propostas pela professora regente também foi fundamental para a imersão na realidade.

A segunda etapa foi o *Registro e Sistematização*, onde as anotações do diário de campo foram posteriormente organizadas e sistematizadas, destacando os momentos e situações que revelaram os principais desafios da docência. Esses registros serviram como matéria-prima para a análise.

E a terceira e última etapa foi a *Análise e Reflexão Teórica*, a etapa final que consistiu na análise crítica das experiências registradas, à luz das teorias e conceitos de autores como Pimenta (1995), Paulo Freire (1993; 1994; 1996) e Vygotsky (1991), além de outros textos acadêmicos consultados. Essa articulação entre a prática vivida e a teoria estudada possibilitou a elaboração de reflexões sobre a importância da prática pedagógica crítica, a construção da identidade docente e a função social da educação, elementos centrais para os resultados deste trabalho.

2 A VIVÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Esta seção apresenta inicialmente uma descrição do espaço onde ocorreu a experiência de imersão na realidade educacional do Ensino Fundamental, em seguida temos uma reflexão sobre os desafios enfrentados pelo professor deste segmento e como isto pode impactar a prática pedagógica.

2.1. O Espaço cedente do Estágio

O estágio supervisionado no ensino fundamental I, ocorreu no período vespertino, entre os dias 03 de junho e 29 de agosto de 2025, na turma de 2º ano de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental localizada na cidade de Belém do Pará.

FIGURA 1 – ESCOLA ESTADUAL CAMPO DE ESTÁGIO



Fonte: Arquivo Pessoal da autora, 2025.

A escola funciona nos períodos da manhã e tarde, sendo, pela manhã, no horário de 7h15 às 12h, e pela tarde, das 13h15 às 18h15, com turmas de 1° ao 5° ano do Ensino Fundamental, atendendo alunos com faixas etárias variáveis, entre 6 e 13 anos de idade. A infraestrutura da instituição conta com 4 salas de aula climatizadas, com uma professora por turma que, em média, possui 26 alunos. De acordo com as informações coletadas com a vice-diretora, a escola possui um quantitativo de 120 alunos matriculados no período matutino e 105 alunos matriculados no período vespertino.

Os demais espaços da instituição correspondem à sala da direção, coordenação pedagógica, sala dos professores e secretaria escolar de forma integrada, copa, refeitório, playground/quintal, banheiros infantis e adulto, sendo um deste último recém-inaugurado. É importante destacar que a escola não possui Sala de Recursos Multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado, embora atenda alunos com transtornos do neurodesenvolvimento.

Além disso, embora a escola ofereça turmas do 1° ao 5° anos do Ensino Fundamental, precisa alternar entre a oferta de 1° e 2° anos, tendo em vista que não possui a quantidade necessária de salas. No presente ano de 2025, a escola não possui turma de 1° ano, apenas do 2° ao 5° ano, já no ano seguinte, em 2026, ofertará do 1° ao 5° ano, com exceção do 2° ano.

A turma de 2° ano da escola, onde ocorreu o referido estágio, comporta crianças com idades entre 6 e 8 anos e conta com uma professora regente, além de uma estagiária que acompanha um aluno autista em suas atividades diárias.

FIGURA 2 – ATIVIDADE DESENVOLVIDA EM SALA DE AULA



Fonte: Arquivo Pessoal da autora, 2025

O estágio supervisionado no ensino fundamental I iniciou com o comparecimento à escola com a Carta de Apresentação, que foi entregue à representante da direção. Em um momento inicial, foram realizadas conversas entre a presente discente e a pessoa responsável pela Coordenação Pedagógica e também a responsável pela Direção para apresentações, conhecimento acerca do funcionamento da escola e seu espaço, os profissionais, e posterior encaminhamento para a turma designada.

Esse primeiro momento foi necessário para estabelecer diálogos a respeito dos objetivos e prioridades da instituição, compreensão acerca da organização escolar, das práticas adotadas e também as demandas e desafios enfrentados no cotidiano. A partir desse contato, foram explicitadas as atribuições do estagiário, os limites de atuação e os recursos disponíveis, articulação fundamental para o alinhamento de expectativas e definição de responsabilidades.

Após uma caminhada pelos espaços da instituição, a Diretora realizou a apresentação da presente discente para a professora regente responsável pela turma de 2º ano do Ensino Fundamental, que a recebeu com cordialidade e colaborou para a inserção nas atividades que estavam sendo desenvolvidas no dia em questão

FIGURA 3 – SALA DE AULA



Fonte: Arquivo Pessoal da autora, 2025.

A professora regente, possui formação em Pedagogia e atua na Educação Básica há quase 30 anos, ministrando disciplinas de competência da profissão. A turma de 2º ano possui, além das disciplinas gerais, o ensino de Artes, Educação Ambiental e Educação Física, que são ministradas por outros professores.

Segundo Costa, Castro e Silva (2022, p. 85), [...] o professor regente é agente fundamental para uma boa experiência do estágio, pois, só a partir do seu consentimento é que o estagiário pode adentrar em seu espaço de trabalho, em sua rotina e ter anuência para escolher as abordagens de ensino que melhor contribuam para a educação dos educandos.

Durante os dias de estágio, foram observadas, principalmente, as aulas conduzidas pela professora regente que, em sua maioria, abordavam assuntos referentes às áreas de conhecimento de Língua Portuguesa e Matemática, condizentes com a etapa de ensino e nível de aprendizagem dos alunos, e tratavam de conteúdos como formação de pequenas frases, encontros silábicos, formas geométricas, operações matemáticas simples e seus conceitos, entre outros.

FIGURA 4 – RECURSO EDUCACIONAL EM SALA DE AULA



Fonte: Arquivo Pessoal da autora, 2025.

É importante salientar que, embora haja alunos da turma que saibam ler, ainda há discentes em processo de alfabetização, logo, observou-se que algumas atividades necessitam de adaptações, que são feitas pela professora ou de um maior acompanhamento para auxiliar.

Além do que era disposto no quadro os alunos contavam com diferentes recursos durante as aulas, como livros, materiais didático-pedagógicos, materiais interativos e espaço para leitura, o que contribui para a diversificação das estratégias de ensino, reconhecimento da diversidade dos alunos, a promoção do engajamento e favorecimento da aprendizagem significativa.

FIGURA 5 – CANTINHO DA LEITURA

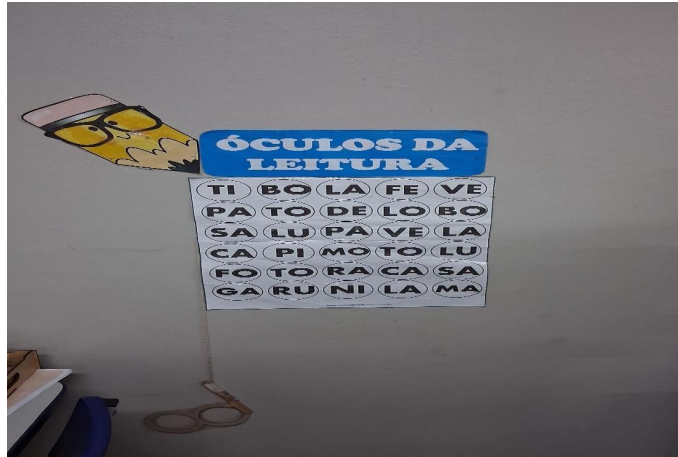


Fonte: Arquivo Pessoal da autora, 2025.

De acordo com Paulo Freire (1994), o professor deve entender seus alunos, além de respeitar suas diferenças, priorizar a criação de um ambiente escolar que

realmente o prepare para o melhor desempenho em todos os níveis do comportamento humano: biológico, psicológico e social.

FIGURA 6 – RECURSO EDUCACIONAL EM SALA DE AULA



Fonte: Arquivo Pessoal da autora, 2025.

As principais atividades exercidas pela discente durante o estágio referiram-se à observação do cotidiano escolar, ao auxílio à docente para elaboração de materiais didáticos e suporte aos estudantes quanto às possíveis dúvidas e necessidades específicas para resolução das tarefas propostas.

2.2. Os desafios da docência

Inicialmente, os principais desafios observados em campo diziam respeito ao exercício da docência em meio à realidade de uma sala de aula com quase 30 alunos. Como citado anteriormente, a professora regente não conta com o apoio de nenhuma auxiliar de sala, apenas com a presença de uma estagiária que atua realizando o acompanhamento de um estudante autista em suas atividades diárias, o que acaba por sobrecarregar a docente, que precisa constantemente dividir o tempo diário entre o ensino, o suporte individualizado e a mediação de conflitos entre os alunos.

Assim, um dos desafios da docência é a superlotação da turma, um obstáculo à educação libertadora que Paulo Freire tanto defendeu, pois dificulta o diálogo e a troca horizontal entre professor e aluno, uma vez que, em salas de aula superlotadas, a relação se torna vertical e o professor se vê tentado a adotar uma postura de "depositário de saber", na qual apenas transfere o conteúdo e isso vai contra a

educação problematizadora, que o mesmo defendia. Para Freire (1996, p. 25) "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção."

Nesse sentido, a superlotação impossibilita a criação dessas possibilidades, impedindo a prática de uma educação dialógica e humanizadora, que são os pilares do pensamento freiriano.

Outro desafio corresponde às dificuldades de aprendizagem dos alunos, que nesta etapa de ensino ainda estão em processo de alfabetização e consolidação de habilidades básicas de leitura, escrita e também dos conhecimentos matemáticos simples. Além disso, a aprendizagem das crianças desenvolve-se em ritmos diferentes, com maior ou menor dificuldade, e que pode ou não sofrer influência de fatores externos, como a realidade familiar e socioeconômica. Para auxiliar nesse processo no qual os alunos se encontravam, a professora lançava mão de diferentes recursos didáticos que ajudavam a criar um ambiente alfabetizador, conforme exemplo abaixo:

FIGURA 7 – RECURSOS DIDÁTICOS EM SALA DE AULA



Fonte: Arquivo Pessoal da autora, 2025.

A imagem acima ilustra como os recursos didáticos utilizados podem revelar o possível diálogo da prática pedagógica da professora com o pensamento de Vygotsky. Ao contrário da visão simplista de que a criança apenas absorve passivamente o conhecimento, o autor nos convida a entender que o desenvolvimento infantil não é uma mera sombra do aprendizado. Os materiais expostos, sejam cartazes, letras ou numerais coloridos, não são apenas objetos decorativos; eles funcionam como mediadores simbólicos. Eles se tornam ferramentas que o professor utiliza para

construir a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), ajudando a criança a ir além do seu conhecimento atual. A complexidade da relação entre o que se aprende e o que se desenvolve, mostra que o ambiente escolar, rico em estímulos visuais, é um espaço de interações dinâmicas que impulsionam o desenvolvimento infantil de forma única e não linear.

[...] embora o aprendizado esteja diretamente relacionado ao curso do desenvolvimento da criança, os dois nunca são realizados em igual medida ou em paralelo. O desenvolvimento nas crianças nunca acompanha o aprendizado escolar da mesma maneira como uma sombra acompanha o objeto que o projeta. Na realidade, existem relações dinâmicas altamente complexas entre os processos de desenvolvimento e de aprendizado, as quais não podem ser englobadas por uma formulação hipotética imutável. (Vygotsky, 1991, p. 61)

A citação de Vygotsky nos convida a refletir sobre o aprendizado das crianças como reflexo do desenvolvimento, uma vez que a criança não aprende apenas quando já "amadureceu" para isso, mas, segundo o autor, o processo é muito mais complexo e dinâmico.

Quando a criança é exposta a novos conhecimentos e desafios, como os que vemos em uma sala de aula cheia de recursos didáticos, ela é estimulada a construir novas habilidades. É justamente nesse espaço de interação e mediação que a criança avança, superando seu nível de desenvolvimento atual e alcançando a chamada Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Ou seja, Vygotsky propõe que o aprendizado não é uma consequência do desenvolvimento; ele é uma força motriz que o molda e o transforma constantemente.

Um terceiro desafio percebido e que afeta, também, a prática pedagógica da professora, diz respeito às condições socioeconômicas dos alunos e suas famílias. A grande maioria das crianças experimenta com a família as primeiras situações de aprendizagem e introdução de padrões, normas e valores, e se a família não tiver as condições adequadas, as interações [...] serão prejudicadas. (Colnago, 1991; *apud* Silva *et al.*, 2008, p. 216)

Os alunos da turma de 2º ano, em sua maioria, segundo a professora, moram próximo à escola, que fica localizada em um bairro periférico da cidade de Belém, possuem baixa renda e um corpo familiar diversificado, sem a presença ou com a presença de somente um dos genitores, e, em alguns casos, com pouco ou nenhum apoio para questões relacionadas aos estudos, seja por seus responsáveis possuírem

baixa instrução ou excesso de responsabilidades relacionadas ao trabalho e falta de tempo.

Segundo informado pela professora, também há ocorrência de situações de vulnerabilidade, onde alguns alunos, por ausência de supervisão, encontram-se presentes em locais inadequados para crianças, onde há presença de drogas lícitas e ilícitas, bem como comportamento impróprio para a idade.

Muitos alunos, em sua maioria, do sexo masculino, apresentaram comportamentos inadequados durante as aulas, como brincadeiras inapropriadas, uso de apelidos pejorativos e até palavras de baixo calão no tratamento com os demais colegas, como também o uso de força física, em alguns momentos, para empurrar uns aos outros.

Além do baixo controle inibitório, devido ao desenvolvimento incompleto do córtex pré-frontal, é fundamental atentar-se para a realidade vivenciada pelas crianças, que muitas vezes, apenas reproduzem os comportamentos dos indivíduos de sua convivência.

Compreende-se que a baixa supervisão ou a ausência desta durante o desenvolvimento da criança também impacta no comportamento que a mesma apresenta espontaneamente ou reproduz sem orientação, pois entende-se que por ainda não possuir um raciocínio mais elaborado, não possui capacidade para discernir o que é aceito ou proibido socialmente e isso acaba por afetar a convivência com seus similares, como também influencia na introjeção dos próprios valores.

Entretanto, a questão das condições de pobreza das famílias precisa ser analisada por uma perspectiva mais crítica, como nos ensinou Paulo Freire. Para o autor, a educação de alunos em situação de pobreza deve ser um processo de libertação, e não de mera assistência ou depósito de conteúdos. O educador, nesse contexto, não é um salvador, mas um parceiro que ajuda o aluno a se tornar consciente de sua própria realidade e a agir para transformá-la.

O pensamento de Paulo Freire nos oferece ferramentas para uma prática pedagógica transformadora, onde a educação precisa partir da realidade do aluno. O professor deve dialogar com os estudantes sobre suas vivências e problemas.

Não esquecendo que a educação freiriana é fundamentalmente dialógica. O professor e o aluno aprendem juntos, em uma troca horizontal de saberes. O professor não é o único detentor do conhecimento; ele também aprende com a experiência do aluno. Esse diálogo rompe com a "educação bancária", onde o professor apenas deposita informações na cabeça do aluno, e fortalece a autoestima e a capacidade de pensar criticamente.

Desta forma uma educação baseada em princípios freireanos colabora para que o aluno se torne autônomo, capaz de pensar por si mesmo e de agir no mundo. A conscientização é o processo de perceber as condições de opressão e de se sentir capaz de mudá-las. A escola, nesse sentido, é um espaço de esperança e de ação, onde os alunos se tornam sujeitos de sua própria história e não apenas objetos das circunstâncias.

Ou seja, o desafio docente trata-se de superar uma perspectiva de trabalho de caridade com os alunos pobres, e assumir um compromisso ético e político, onde a prática de educação possa valorizar a experiência do aluno, utilizando o diálogo como ferramenta principal, tendo como meta a conscientização e a transformação social.

As situações de pobreza das famílias são resultantes de múltiplos fatores, muito desses, estruturais dentro da sociedade brasileira, onde a falta de oportunidades, baixa instrução e desamparo do Estado leva ao aceite de trabalhos informais, com jornadas extenuantes e pouco tempo para o acompanhamento do desenvolvimento e estudo dos filhos por parte dos responsáveis, o que acarreta na repetição desse ciclo.

O professor, para além de um simples transmissor de conteúdos, é um ator social que desempenha um papel formativo no desenvolvimento de seus estudantes, impactando diretamente na vida dos educandos e da comunidade em que está inserido. Sua atuação ultrapassa os muros da escola, e leva em consideração o contexto socioeconômico e cultural das crianças, assumindo o caráter político da profissão, pois, conforme Paulo Freire (1996, p. 22), "minha presença de professor não pode se dar à margem dos saberes necessários à minha prática, nem tampouco à margem da responsabilidade ética e política de minha ação".

Cabe à Pedagogia, enquanto ciência da educação, conhecer e explicitar os diferentes modos como a educação se manifesta enquanto prática social, bem como

contribuir para a direção de sentido que se quer dar para o humano. (Pimenta, 1995, p. 61)

Para Paulo Freire (1993, p. 18), é preciso que o professor assuma sua identidade profissional, compreendendo-se como um sujeito político, portador de saberes, que deve ser respeitado e valorizado.

3 OS DESAFIOS DOCENTE: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA

Nesta seção, busca-se ressaltar, além da superlotação, das dificuldades de aprendizagem dos alunos e condições socioeconômicas das famílias como nos casos citados na seção anterior, outros grandes desafios enfrentados pelo educador, como baixos salários e desvalorização profissional, infraestrutura inadequada e escassez de recursos pedagógicos, além de uma elevada carga de trabalho e desgaste emocional excessivo, sem citar os imbróglios pessoais que divergem de pessoa para pessoa.

Embora fundamental, o professor, quando sozinho, não detém de todos os meios necessários para transformar a realidade de seus alunos. O Estado, para além de garantir a educação gratuita para todos, deve prover condições para assegurar a permanência dos estudantes na escola e contribuir para seus processos de aprendizagem.

A implementação de políticas públicas integradas é crucial para o favorecimento do aprendizado de qualidade, pois através do combate às situações de pobreza, insegurança alimentar, falta de acesso à serviços de saúde e ausência de condições básicas de sobrevivência, é possível reduzir os impactos da vulnerabilidade socioeconômica no desenvolvimento escolar e da criança como um todo.

O desafio no combate ao círculo vicioso de reprodução da pobreza consiste na garantia de que crianças, jovens, suas famílias, seus pares e suas comunidades possam obter e acumular recursos que promovam o bem-estar social, permitindo-lhes reverter o quadro de vulnerabilidade em que se encontram. Nesse sentido, o poder público e a sociedade desempenham um papel fundamental na formulação, implementação e avaliação de políticas de assistência social, na criação de recursos

e estímulos para que as pessoas possam utilizá-los em prol do seu desenvolvimento integral. (Gomes; Azevedo, 2024, p. 17)

A família também detém papel crucial no desenvolvimento das crianças, pois o ambiente familiar é o primeiro espaço de socialização, construção de laços afetivos e valores. Sua responsabilidade não se resume apenas no apoio emocional, incentivo e provimento de segurança, mas também na criação de rotinas de estudo, acompanhamento contínuo e estabelecimento de diálogos com a escola.

Bronfenbrenner e Evans (*apud* Barreto, 2016) indica que, além da pessoa e do contexto, o processo proximal pelo qual o desenvolvimento é realizado é condição “*sine qua non*” para o desenvolvimento humano e familiar. O processo proximal representa as formas de interação do organismo com o ambiente, que ocorrem regularmente, sendo ele a forma, a força, o conteúdo e a direção dos resultados no desenvolvimento humano. (Bronfenbrenner; Evans, 2000; *apud* Barreto, 2016, p. 286)

Ainda que em casos de vulnerabilidade social, sua conduta é capaz de reforçar a importância da educação no desenvolvimento dos indivíduos e como instrumento para a superação de desigualdades sociais.

Enquanto não houver alinhamento entre as responsabilidades destes três pilares, entende-se que continuará havendo a sobrecarga de uns em detrimento de outros, principalmente, dos educadores, que, em uma tentativa de ser um elo de sustentação no processo educativo dos estudantes, sofrem desgastes excessivos.

A ausência de uma estrutura de apoio adequada, que se manifeste por meio da ação do Estado e da família, acaba por intensificar a sobrecarga do professor. Nesse cenário, o educador se vê compelido a assumir papéis que extrapolam sua função pedagógica, atuando como assistente social, mediador de conflitos familiares e, em alguns casos, até mesmo como provedor de segurança emocional. Essa multifuncionalidade, embora demonstre a dedicação e o compromisso do docente, é insustentável a longo prazo e compromete a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, pois desvia o foco do que seria a sua principal responsabilidade: a mediação do conhecimento.

Paulo Freire (1996) já alertava para os perigos de uma prática educativa que não reconhece o contexto do aluno. Para ele, a educação só se torna libertadora

quando se baseia no diálogo e na conscientização, e não pode ser praticada em um ambiente onde o educador está exausto e desamparado. Essa exaustão do educador, alimentada pelas condições adversas, reforça a necessidade de se compreender a prática pedagógica para além de uma visão ingênua ou "romântica".

Paulo Freire (1996) ensina que a educação não é um ato neutro, mas um ato político, que pode tanto reproduzir as desigualdades sociais quanto contribuir para a sua superação. Nesse sentido, a escola deve ser um espaço de esperança e de ação, onde, apesar das dificuldades, o professor pode atuar como um agente de transformação, ajudando os alunos a "lerem o mundo" e a se tornarem sujeitos de sua própria história, pois "O que realmente importa é que o professor, ao ensinar, se engaje na luta por um mundo mais justo, menos feio, menos 'desumano'" (FREIRE, 1996, p. 104)

Essa conscientização, por sua vez, exige que a prática pedagógica seja intencional e crítica. O professor precisa ser capaz de refletir sobre sua própria ação, de identificar os desafios e de buscar estratégias que vão além do "ensinar por ensinar". Não se trata apenas de transmitir conteúdos, mas de fomentar o senso crítico e a capacidade de intervenção na realidade. A formação de um cidadão consciente e ativo, que questiona as injustiças e busca soluções, é a essência do trabalho do educador.

Com isso, entende-se que a prática pedagógica não deve ser romantizada, mas consiste na tentativa de promover um equilíbrio entre o ensino dos conteúdos escolares e a formação cidadã, fomentando um espaço de acolhimento e diálogo enquanto promove conscientização.

De acordo com Vásquez (1968), se o "homem aceitasse sempre o mundo como ele é, e se, por outro lado, aceitasse sempre a si mesmo em seu estado atual, não sentiria a necessidade de transformar o mundo nem de transformar-se". (*apud* Pimenta, 1995, p. 62)

Desta forma, podemos afirmar que a experiência no estágio, longe de ser apenas uma etapa burocrática da formação, se revela como um espaço de desconstrução de romantismos e de confrontação com a realidade nua e crua da prática docente. A partir das vivências em campo, torna-se evidente que a luta por

uma educação de qualidade é uma batalha que vai além das paredes da sala de aula. É uma luta que exige a união de forças – do professor, do Estado e da família – para que a criança, especialmente aquela em situação de vulnerabilidade, não seja apenas um número nas estatísticas de evasão, mas o protagonista de sua própria história.

Nesse sentido, o verdadeiro sucesso pedagógico não reside na transmissão de conteúdos, mas na capacidade de a escola, mesmo diante das adversidades, ser um espaço de esperança e de conscientização. Ao atuar como mediador, o educador se torna o elo crucial para que os alunos, inspirados pelo pensamento de Freire, compreendam sua realidade e, mais do que isso, se sintam capazes de transformá-la. A prática pedagógica crítica se consolida, assim, como o instrumento mais poderoso para a superação das desigualdades e para a construção de um futuro mais justo e humano.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental I na Escola Estadual de Ensino Fundamental foram profundamente enriquecedoras para o processo formativo da presente discente, que se encontra no processo de finalização do curso de graduação em Pedagogia.

O contato com diferentes realidades, em sua maioria, marcadas por dificuldades e cenários de vulnerabilidade social e econômica, leva a uma maior compreensão dos aspectos que rodeiam o processo educativo de crianças inseridas na Educação Básica Pública.

O estágio obrigatório supervisionado instiga a reflexão acerca dos desafios e possibilidades presentes no exercício da profissão, que são permeados por tensões, excesso de demandas, sobrecarga e baixa remuneração e valorização, mas também por oportunidades de comprometimento com a transformação de realidades.

A articulação contínua entre os conhecimentos apreendidos durante o curso e as realidades em que o futuro docente é inserido configura-se como fundamental para a reflexão que deve anteceder suas ações, pois não é um puro transmissor de conteúdos e aplicador de técnicas, mas um agente constitutivo da sociedade.

A construção da identidade docente e sua práxis pedagógica é um processo gradual e influenciado significativamente pelas experiências dentro do estágio supervisionado, pois é o momento onde ocorre um entrelaçamento entre a teoria estudada, a prática observada e vivenciada e a reflexão crítica constante.

Com isso, entende-se que os fundamentos conceituais auxiliam na compreensão das metodologias de ensino e aprendizagem e instrumentos de avaliação que podem melhor beneficiar o processo educativo dos estudantes, porém, é na compreensão da complexidade do contexto escolar, que difere de região para região, que sua atuação se difere e assume concretude.

REFERÊNCIAS

BARRETO, André de Carvalho. PARADIGMA SISTÊMICO NO DESENVOLVIMENTO HUMANO E FAMILIAR: a teoria bioecológica de urie bronfenbrenner. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 275-293, ago. 2016. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v22n2/v22n2a03.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2025.

COSTA, Elisangela André da Silva; CASTRO, Mariana Cunha; SILVA, José Pedro Guimarães da. ESTÁGIO SUPERVISIONADO E FORMAÇÃO: a influência do professor regente nos primeiros anos de vida profissional de egressos em Pedagogia. **Form. Doc.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 30, p. 77-89, maio/ago. 2022. Disponível em <https://www.revformacaodocente.com.br>. Acesso em: 23 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1993.

FREIRE, Paulo. Ensinar, aprendendo. **O Comunitário**, Campinas, v. 6, n. 38, mar. de 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Rafael Ferreira Diniz; AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. A educação em um contexto de vulnerabilidade social: contribuições teóricas a partir de diálogos com a juventude favelada da Maré-RJ. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 39, Número 1 de 2024, e47145. DOI: 10.1590/s0102-6992-20243901e47145.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

SILVA, N. C. B., NUNES, C. C., BETTI, M. C. M., & RIOS, K. S. A. Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. **Temas em Psicologia** – 2008, Vol. 16, no. 2, 215 – 229. ISSN 1413-389X.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.